

UMA CRÍTICA À CRÍTICA TEXTUAL NEOLACHMANNIANA

Marinês de Jesus Rocha¹²⁵
(UESB/CNPq)

Marcello Moreira¹²⁶
(UESB)

RESUMO

Este estudo propõe uma análise das etapas constituintes da edição crítica de uma obra, segundo o método lachmanniano de crítica textual: *recensio*, *collatio* e *emendatio*, por meio de um paralelo entre as concepções concordes e discordes dos filólogos Leodegário de Azevedo Filho⁴ e Segismundo Spina⁵. Expõem-se as atividades específicas de cada uma das fases do trabalho filológico na perspectiva lachmanniana a que ambos os autores se filiam. Discute-se principalmente, de um ponto de vista histórico, a inverossimilhança da aplicação das categorias “originalidade” e “genuinidade”, centrais na crítica filológica lachmanniana, a tradições textuais as mais variadas.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica textual; Edição crítica; Lachmannismo; Movência.

INTRODUÇÃO

Este trabalho empreende uma comparação metódica entre as concepções de Leodegário A. Azevedo Filho e Segismundo Spina sobre as etapas necessárias para a fatura de uma edição crítica de tipo lachmanniano. Apresenta-se, inicialmente, uma análise da *recensio* e da *collatio*, as etapas iniciais de uma edição crítica lachmanniana, especificando-se as atividades que as constituem, ou seja, o recolhimento de todos os testemunhos referentes à obra que se deseja editar com a finalidade de determinar o tipo de transmissão histórica da mesma (direta ou indireta), e a organização dos testemunhos

¹²⁵ Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹²⁶ Prof. Dr. de Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, DELL, Estrada do Bem Querer, Km 4, Vitória da Conquista, Bahia.

previamente recolhidos em um *stemma codicum* evidenciando-se as suas relações de parentesco e a forma histórica de sua transmissão. Em seguida, discute-se a validade histórica das noções de “texto autógrafo”, “apógrafo”, “original” e “genuíno”, confrontando-as com a teoria da movência textual das composições medievais, que atesta a intervenção nas mesmas do público e do próprio autor com vistas à produção de contínuos remanejamentos dos textos poéticos decorrente das formas como eram transmitidas e recebidas pela sociedade medieval, formas estas apresentadas por Paul Zumthor em seus estudos. Ao final, expõem-se os mecanismos de correção ou emenda do texto: *emendatio*, que se constitui, de acordo com o lachmannianismo, a última fase de uma edição crítica.

MATERIAL E MÉTODOS

Leram-se livros que tratam especificamente das teorias da edição. Os dois livros mais lidos no campo da crítica textual e da ecdótica no Brasil são, sem sombra de dúvida, aqueles escritos por Segismundo Spina, *Introdução à Ecdótica*, e Leodegário A. de Azevedo Filho, *Iniciação em Crítica Textual*. Os livros de Spina e de Azevedo Filho são importantes para quem queira especializar-se em crítica textual e ecdótica, porque introduzem a teoria filológica lachmanniana e neolachmanniana no Brasil e, ao mesmo tempo, serviram de base para a posterior fatura de outros estudos que também esposam o neolachmannismo. Em um primeiro momento, buscou-se especificar, a partir dos dois livros supracitados, as etapas obrigatórias para a fatura de uma edição crítica, sendo elas a *recensio*, a *collatio* e a *emendatio*. Ambos os autores afirmam que a recuperação do texto genuíno ideado pelo autor seria passível de consecução por meio de uma restituição do texto baseada no predomínio numérico de variantes, *recensio* fechada, ou então no juízo do editor crítico, *iudicium*. O texto genuíno, segundo Segismundo Spina, seria aquele presente no último estágio de

publicação e que representaria a última vontade do autor. Contudo, devido a intervenções de agentes externos no processo que leva o manuscrito a se tornar livro impresso, erros podem imiscuir-se no texto ideado pelo autor, de que deriva a necessidade de intervenção editorial para a recuperação do texto prístino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Leodegário A. Azevedo Filho e Segismundo Spina distinguem três fases sucessivas e distintas que constituem uma edição lachmanniana: *recensio*, *stemma codicum* ou *collatio*, e *emendatio*. A primeira consiste no arrolamento, pelo filólogo, de toda a tradição da obra a ser editada: testemunhos manuscritos e impressos e todas as edições existentes da mesma, com o objetivo de especificar como ocorreu a transmissão histórica, de forma direta ou indireta; em seguida, a “*collatio*” realiza, por meio de uma subdivisão dos manuscritos em uma árvore genealógica, em que se demonstram as suas relações de parentesco e a sua transmissão histórica, o confronto entre os mesmos objetivando eliminar aqueles que reduplicam testemunhos mais antigos e matriciais. No ato de organizar os testemunhos da obra no “*stemma*”, o editor deve, de acordo com os autores, eleger um “exemplar de colação” para representar o texto original, podendo ser real ou apenas imaginário e ainda interpor diversos sub-arquétipos entre este e os testemunhos existentes da obra.

A distinção feita pelos autores entre autógrafo - texto escrito pelo próprio autor -, apógrafo - cópia proveniente do autógrafo -, edição original de uma obra - representante da vontade do autor no ato de fixar um texto em algum momento do processo criador - e edição genuína - aquela que deve ser objeto do trabalho filológico de recuperação do texto autoral, por representar a última vontade substanciada do autor - torna-se inverossímil diante da análise empreendida por Paul Zumthor, em *A Letra e a voz: “Literatura*

Medieval”. Segundo Zumthor, tais categorias não são aplicáveis à poética mediéfica, uma vez que a principal característica das composições nesse período é o remanejamento da obra em diferentes graus pelo público e pelo próprio autor, decorrentes da inexistência das noções de “autoria” e “plágio” tal como entendidos atualmente e, na medida em que a transmissão e recepção das mesmas se davam “na e pela voz” por meio de uma performance, o grau de instabilidade textual é alto, devido a uma falta de reiterabilidade perfeita da memória no ato performático. De acordo com Zumthor, as obras produzidas no período medieval possuíam um “índice de oralidade” relativo à presença da voz, cuja função era transmiti-las ao público e relacionado também à melodia presente nas mesmas.

CONCLUSÕES

Depreende-se do que exposto que a fatura de edições crítica, segundo o neolachmannismo, peca pela aderência a princípios críticos que já se demonstrou serem anacrônicos, pois não se pode querer, para textos poéticos produzidos entre os séculos XI e XV, por exemplo, recuperar sua genuinidade ou sua originalidade, pois a noção romântica de “gênio” não se aplicava às cantigas trovadorescas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO FILHO, L. A. **Iniciação Em Crítica Textual**. Rio De Janeiro: Ars Poética; São Paulo: EDUSP, 1987.

HOUAISS, A. **Elementos de Bibliologia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SPINA, S. **Introdução À Edótica-Crítica Textual**. São Paulo: Ars Poetica/EDUSP, 1994.

ZUMTHOR, P. **A Letra e a Voz: A “Literatura” medieval**. São Paulo:

Companhia das Letras, 1993.